

A DANÇA DOS SENTIMENTOS EM UMA ARENA DE GUERRA: Uma aproximação à dinâmica emocional dos guerrilheiros das FARC

RESULTADO DE PESQUISA FINALIZADA

GRUPO DE TRABALHO Nº 26

SOCIOLOGIA DO CORPO E DAS EMOÇÕES

PALESTRANTE : JOSE MARIA DE JESUS IZQUIERDO VILLOTA

E-MAIL: jizvil@yahoo.com.br

RESUMO:

O conteúdo da palestra faz parte de uma ampla pesquisa realizada pelo autor em torno do processo de formação do *habitus* guerreiro no movimento guerrilheiro colombiano FARC. Utilizando uma abordagem qualitativa, foram entrevistados 78 guerrilheiros que se encontravam presos em diversas cadeias públicas da Colômbia. Mediante o uso de um instrumental teórico que destaca elementos da sociologia das emoções, do corpo e do conflito foram abordadas questões voltadas à dinâmica das emoções, do corpo, da normalização e dos processos disciplinares ativados no interior da guerrilha. Se a manifestação dos sentimentos resulta de processos específicos de socialização, quais são as peculiaridades da dinâmica emocional dos membros das FARC? O conteúdo desta palestra está orientado a responder a esse e outros questionamentos.

PALAVRAS CHAVE: CONFLITO, HABITUS, EMOÇÕES

Sabe-se que a manifestação dos sentimentos não é igual para todos os seres humanos, dado que a exteriorização das emoções individuais, via de regra, condiciona-se à aprovação ou desaprovação dos outros. Dessa sorte, neste estudo trata-se de descrever o funcionamento de dispositivos disciplinares na expansão ou repressão dos sentimentos dos guerrilheiros das FARC¹. Nesse grupo, da amalgama de sentimentos que por ventura possam ser experimentados ganham destaque o altruísmo, a fidelidade ao movimento, o ódio aos inimigos, o respeito e submissão às normas do grupo, entre outros, cuja força recaia no fortalecimento do dinamismo e da vivacidade das lutas guerrilheiras. Na tentativa de expressar esses sentimentos, os guerrilheiros usam formas de expressões afetivas preestabelecidas pela coletividade. Em geral, a definição dessas formas de expressão depende, em grande medida, da maneira como cada grupo humano percebe a vida. Na guerrilha, a vida é vista como força de resistência social, usada para lutar contra aqueles que são apontados como inimigos. Sua conservação dependerá do poder de ataque e defesa desenvolvido por cada um de seus membros. Para estimular a capacidade de luta física no meio do conflito armado colombiano, o grupo desenhou uma estrutura de vida em comum regida por códigos que subjazem de uma ordem militar, os quais delimitam as possibilidades de expressão de pensamentos e sentimentos dos guerrilheiros. Com a aplicação desses códigos, o grupo pretende formar em seus integrantes uma estrutura humana treinada para desenvolver atividades militares compatíveis com o espírito revolucionário que o norteia.

¹ Movimento guerrilheiro nascido nas montanhas colombianas em 27 de maio de 1964.

A gente se prende a essas idéias

Um guerrilheiro afirmava:

Na guerrilha, a gente sofre, passa fome, arrisca a vida, mas vale a pena fazê-lo. A gente se sacrifica por amor à pátria, à família, ao futuro de nossas crianças. A esperança de mudar este país é o que dá força para perseverar na luta. O quê mais pode justificar que a gente se mantenha na organização? Salário a gente não tem, nem sequer a família pode ver. O comprometimento da gente é por amor mesmo.

Sofrer, lutar, ter esperança... são atributos que dão uma conotação de destaque a um ser humano e o abrilhantam com o mérito de possuir um espírito altruísta. Ser altruísta é desvencilhar-se de qualquer ranço de egoísmo e dispor-se a cuidar dos interesses de outrem; é colocar em primeiro lugar, na ordem das prioridades pessoais, o bem dos outros. A exaltação de valores cívicos, que transcendem o mero subjetivismo, é um recurso que reforça os vínculos de unidade em torno da causa revolucionária. Os líderes guerrilheiros apelam ao altruísmo para que a força desse sentimento suscite o apoio popular e evite que suas propostas se reduzam a meras intenções.

Em seu discurso, os líderes guerrilheiros afirmam que suas lutas se dão pela defesa da soberania nacional, pela execução de um processo de reforma agrária que solucione os problemas da população camponesa, por uma distribuição de renda mais equitativa, enfim, por uma série de objetivos de ordem eminentemente impessoal, que visam ao bem-estar do povo. Entretanto, na busca da consecução desses objetivos, através da luta armada, o corpo dos guerrilheiros padece os efeitos dos embates inimigos e a vida de cada um deles é colocada em risco. Os combatentes precisam estar sempre motivados para conservar os ânimos elevados. E é nesse fato que o altruísmo alcança importância. Embora a dinâmica das emoções esteja ligada à ordem da intimidade pessoal, é preciso que socialmente se cultivem sentimentos que gerem disposições internas capazes de levar um indivíduo a lutar por objetivos ligados a uma ordem impessoal. Mas a mera motivação não basta. Para que ninguém desista de ser um “artífice da revolução”, os líderes do movimento têm desenhado uma série de coerções. Algumas evidentes, como o aparelho disciplinar; outras sutis, como menções honrosas, promoções nas posições de poder e discursos envolventes.

De fato, tal como o percebi em algumas entrevistas, a estratégia mais utilizada pelos líderes é a de motivar os guerrilheiros, mediante um discurso bem articulado, a redescobrirem sua dignidade e a se sentirem motivados a defendê-la. Discursos empolgantes, como aqueles que atualizam as lutas revolucionárias no mundo ou aqueles que trazem à memória as lutas populares que deram origem à guerrilha colombiana. Lembrar fatos heróicos do passado é importante para que os combatentes de hoje se encorajem a seguir esse exemplo.

Quando na variedade das manifestações afetivas o altruísmo passa a ocupar o lugar preponderante na vida do guerrilheiro, o resultado mais imediato é que esse fato poupa o combatente de dilemas e conflitos pessoais. Movido pela paixão ao movimento, o guerrilheiro se dispõe a cuidar dos ideais revolucionários sem se sentir interiormente dividido pela interferência de outros sentimentos de ordem mais subjetiva, como o amor à família, o zelo pelo trabalho, o desejo de sucesso profissional ou a ambição de acumular capital.

Sabe-se que, na maioria dos casos, as razões que levam os indivíduos a se inserirem na guerrilha estão ligadas à pobreza e à exclusão social. No entanto, com sua pregação, os líderes guerrilheiros tentam dissipar qualquer interesse financeiro, colocando o altruísmo como o valor supremo que haverá de identificar os verdadeiros revolucionários.

A guerrilha atribui para si o direito de exigir do indivíduo uma conduta condizente com o ideal revolucionário. Essa conduta se materializa na renúncia a interesses pessoais e na abnegação para alcançar objetivos coletivos. Nessa substituição de interesses é onde o altruísmo reflete todo o seu esplendor.

Contudo, o amor à causa revolucionária, a entrega generosa às lutas populares e tantas outras moções com o mesmo teor altruísta não são o elo mais consistente para garantir vínculos duradouros. Lembrando seu ingresso na vida guerrilheira, um ex-combatente dizia para mim:

No dia que me entregaram a arma, me disseram que era para defender a pátria, para lutar pelos pobres, para que ninguém passasse fome. Eu me emocionei. Quase que chorei. Mas, depois de algum tempo, comecei a sentir-me cansado de fazer todos os dias a mesma coisa. Sentia falta dos amigos e das coisas que gostava de fazer quando morava em minha casa.

Os sentimentos mudam. A emoção dos primórdios, com o passar do tempo, pode tornar-se tédio. Nada é mais volátil do que a afeição humana, e os líderes da guerrilha sabem disso. Nas trilhas da revolução, se o altruísmo - e outros sentimentos motivadores - perder sua força, as conseqüências poderão ser desastrosas, porque a desmotivação individual míngua o furor combativo do grupo. O altruísmo manifestado na forma do amor, da amizade, do patriotismo ou do sentimento do dever social pode dar vida a importantes processos coletivos. Mas apostar em sua eficácia é arriscado, dado que ele está sujeito às vicissitudes da vida interior. Quando a intensidade do altruísmo diminui, em razão da unidade coletiva torna-se necessário para o grupo estimular outros sentimentos que também favoreçam a vida comunitária. Nessa linha de pensamento, oportuno aqui destacar o valor sociológico da fidelidade.

Sabe-se que na guerrilha as interações entre seus membros se dão numa relação de dominação/submissão. O grupo tem planos estratégicos traçados a longo prazo e uma estrutura política e militar bem precisa para zelar pela concreção desses planos. O grupo é estável, correspondendo a cada novo combatente o dever de adaptar-se a ele. Nesse processo de adaptação, são desconsiderados planos, projetos e anseios pessoais da vida pregressa do indivíduo. A ruptura com o passado pessoal é inevitável. A vida em comum preestabelecida pelo grupo prevalecerá sobre as saudades do guerrilheiro, porque o ingresso de cada indivíduo é para dar continuidade ao processo revolucionário, e não para alterar seu curso. Em virtude disso, em mais de quarenta anos de existência, as FARC-EP têm conservado os traços organizacionais que as caracterizaram desde suas origens.

Através da fidelidade, a instabilidade interior das pessoas cede espaço a uma participação mais firme e duradoura no grupo. Com uma estrutura de poder estável, objetivos definidos e códigos rígidos de conduta, esse grupo perdura e se afirma acima do ritmo subjetivo dos indivíduos que o integram. A vida emocional tem incontáveis modificações, oscilações e entrelaçamentos. Mas a estabilidade do grupo não se vê afetada por isso, porque a fidelidade constitui a ponte, o meio de conciliação daquele dualismo essencial e profundo que se abre entre a pluralidade de sentimentos íntimos e a participação do indivíduo no tecido social. O guerrilheiro pode estar triste, com medo, inseguro, porém, a fidelidade leva-o a obedecer à ordem dada pelo seu líder.

Quem entra na guerrilha sabe que seu ingresso é definitivo, que o futuro só pode ser pensado em função das possibilidades de vida que possa encontrar no grupo. Sabe também que não pode recuar nem pôr objeção a determinadas ordens, porque a disciplina grupal é inflexível e não tolera atos de desobediência. Se advém o desânimo, é melhor não desistir. Perseverar e ser fiel é obrigação, porque na guerrilha a *deserção consciente* e a *desobediência* são consideradas faltas graves, que se punem severamente, quase sempre com fuzilamento. Em termos sociológicos, a fidelidade se explicita naquele poder que leva o indivíduo a se manter unido ao grupo, mesmo depois de perceber que suas

expectativas não foram satisfeitas e que, embora não concorde com as decisões dos líderes, seu dever é manter-se leal e prestar-lhes obediência.

Ódio para quem nos odeia

Seja para se defender ou para atacar, não há dúvida de que os líderes guerrilheiros têm mostrado extraordinária habilidade para estimular, nos combatentes, sentimentos adequados a diversas circunstâncias. Existe melhor estímulo para uma luta física que o fato de odiar o opositor? Mas como um guerrilheiro pode odiar um empresário capitalista, um soldado das forças do Estado ou algum membro de um grupo paramilitar se nem os conhece? O ódio ao qual me refiro não é pessoal, esse sentimento corresponde à esfera do social. De fato, o “ódio social”² é a rejeição de que padece um grupo ou alguns de seus membros porque suas ações atingem outro grupo que se posiciona como opositor. Tal rejeição não se justifica em razão de motivos pessoais, senão no sentido de que o outro significa uma ameaça para a existência do grupo que se quer proteger. Sem dúvida, o “ódio social” é um dos sentimentos que mais têm impellido os guerrilheiros a se resguardarem de grupos inimigos com firmeza e determinação. Odiar membros de grupos inimigos, não por razões pessoais, mas por significarem um perigo à existência da própria coletividade, tornou-se uma estratégia sociológica extraordinária de auto-afirmação guerrilheira. Na rede de interações entre grupos opostos, partindo do princípio de que o “ódio social” é recíproco entre os contendores, o antagonismo entre eles se agrava, deflagrando as mútuas agressões e abrindo curso a uma sucessão de confrontos e embates sem um fim previsível.

O ódio aos grupos inimigos é construído socialmente e incentivado no decorrer da vida guerrilheira. Ouvindo diversas experiências do processo de formação ministrado aos guerrilheiros, percebi que o desenvolvimento desse sentimento acontece, principalmente, pela influência de um conteúdo discursivo que reafirma duas realidades excludentes entre si. No primeiro momento, o acento recai sobre a razão de ser das lutas populares. Nele, o indivíduo é levado a olhar para seu grupo e a reconhecer a grandeza das façanhas coletivas, a galhardia daqueles que foram seus membros e que legaram um exemplo de coragem e fidelidade à revolução. Exaltam-se a nobreza de suas lutas e a singularidade de sua coragem. No segundo momento, o grupo aponta aqueles que são considerados culpados pela estagnação política, econômica e cultural do povo colombiano, e conclama sua disposição para lutar e para transformar esse estado de dominação e de abuso de poder que impera no país. Dessa forma, reafirmando os valores da guerrilha e denunciando os atropelos das elites dominantes, é perceptível que a intenção dos argumentos seja a de instigar sentimentos de aversão, de forma a que os guerrilheiros se sintam motivados a descarregar suas paixões e a reparar a burla engendrada pelos “opressores da pátria”.

Se for verdade que nossas atitudes dependem, em grande medida, do conhecimento que temos do passado, e que as nossas imagens do passado servem, freqüentemente, para justificar a ordem social presente, não é de estranhar que os guerrilheiros não oponham resistência aos pareceres de seus líderes. Como já se sabe, a grande maioria dos combatentes possui um histórico de vida marcado pela pobreza, pela lida na terra e pela falta de oportunidades. Para eles é simples entender o discurso e dar seu beneplácito, como se fosse uma conseqüência lógica a necessidade de resistir às agressões dos indigitados inimigos.

² Simmel (1977:289-296), analisando as interações entre católicos e luteranos, e entre castas indianas e colonizadores ingleses, afirma que graças à mediação do “ódio social” muitos grupos reafirmam sua identidade e, conseqüentemente, estabelecem suas diferenças com grupos circundantes. A participação do “ódio social” dá vida e colorido a relações que, sem o estado de tensão que esse sentimento gera, não poderiam existir. Nessa mesma linha de pensamento, considero oportuno ler o artigo L’Agressivité, obra de Freund (1982:131-142).

O “ódio social” é alimentado na medida em que se evidencia a culpa. Por isso, no discurso veemente dos líderes guerrilheiros, as iniciativas tomadas pelo governo sempre são vistas com desconfiança. Ao rejeitarem qualquer ato governamental, eles encontram mais suporte para argumentar a nova ordem que tentam instaurar pelo fragor das armas. Mas, para que isso seja possível, para que a máquina de guerra das FARC-EP avance na direção da tomada do poder do Estado, eles afirmam que é preciso derrotar os responsáveis pelo processo de pauperização do país. Acusam as elites de aplicar métodos cruéis de exploração e dominação social. E, assim, na medida em que afloram as acusações no imaginário do guerrilheiro raso, os opositores da guerrilha vão adquirindo uma configuração humana com traços indecifráveis de perversidade. Nesse processo de construção, o opositor é desenhado como inimigo “monstruoso”, cuja imagem contrasta com a da guerrilha: um movimento de vanguarda, com potencial político e militar para deixar profundas marcas de renovação na história nacional.

Tomado pelo ódio, o combatente mantém um sentimento de repulsa por aqueles que o grupo aponta como seus inimigos. Essa rejeição se exprime das mais diversas formas. Como exemplo disso, pode-se destacar a maneira através da qual os guerrilheiros se referem aos seus opositores: “abutre”, “urubu”, “piranha”, “praga” e tantos outros vocábulos pejorativos. O fato de repudiar o inimigo afirma no guerrilheiro sua identidade revolucionária, reforça a autoconfiança em seu potencial bélico e lhe permite experimentar certo contentamento com sua condição de membro de um grupo de resistência social. Embora o “ódio social”, como todo sentimento, seja experimentado por um indivíduo determinado, uma vez disseminados seus efeitos nos guerrilheiros, ele se torna um componente fundamental para articular estratégias e projetos que só beneficiam o grupo, passando a ser uma das formas através das quais a guerrilha tem conseguido manter em suas fileiras tantos homens e mulheres dispostos a arriscar tudo pela causa revolucionária. Sem a implantação do ódio no coração do guerrilheiro, o conflito armado na Colômbia não teria a mesma vivacidade, nem os grupos manteriam a mesma relação de coerção mútua que os define, reafirma e vitaliza.

Aqui está tudo bem

Na guerrilha, o sigilo impera. O conhecimento da dinâmica coletiva é condicionado ao lugar que o indivíduo ocupa na distribuição dos cargos de poder da organização. Aquilo que é de interesse comum, e que não compromete a integridade do grupo, é comentado e comunicado abertamente. No entanto, as ações militares que dão vida e conteúdo à existência coletiva, embora sejam de interesse comum, quase sempre ficam reservadas ao conhecimento dos comandantes. Só eles conhecem os planos gerais das ações militares. A participação dos guerrilheiros rasos justifica-se pela força individual que aportam às ações combativas. Eles são informados com poucas horas de antecedência, e em tom imperativo são distribuídas as responsabilidades para executar tal ou qual operação. Instados a participar de uma determinada ação, não têm direito a contestação. Suas opiniões ou motivações são sempre desconsideradas pelos comandantes.

Dessa sorte, na arte da guerra, a habilidade para lidar com o que é confidencial contribui sobremaneira para alcançar o sucesso militar, dado que este depende da capacidade de atacar de surpresa, estratégia que só pode funcionar pelo encobrimento dos detalhes das ações. Os comandantes evitam que vazem informações como forma de impedir mudanças inconvenientes, surpresas desagradáveis, morte e destruição. É por isso que na guerrilha a informação estratégica sempre fica amparada pelo conhecimento de poucos. Ainda que pela ocasião do ingresso o indivíduo manifeste sua inteira disposição para entregar-se ao grupo, isso não basta para tornar-se totalmente confiável.

Sem medo para lutar

No mundo da guerra, a administração dos medos humanos tem significativa importância, pois dela depende o nível de poder que o grupo exerce sobre seus membros bem como sobre seus inimigos. Os guerrilheiros temem os castigos do grupo e os inimigos temem os ataques militares dos guerrilheiros. Assim, é compreensível que a administração dos medos humanos seja uma das mais importantes fontes de poder sobre as pessoas.

A depender das circunstâncias varia a forma como o grupo coage o guerrilheiro para lidar com o medo. Nos embates, espera-se um guerrilheiro disposto para a luta e desprovido de perturbações emocionais que comprometam seu desempenho. Frente ao inimigo, o medo inibe a coragem. Embora seja o indivíduo que experimente tais sentimentos no âmago de sua intimidade, o grupo, mediante o uso de diversas práticas coercitivas, não poupa esforços para instigá-lo a vencer as limitações decorrentes do medo. Foi isso o que aconteceu com Adriana, nos começos de sua vida guerrilheira:

Tive um combate sete semanas depois do meu ingresso. Eu estava muito assustada. O ataque era contra os *paras* [para-militares]. Matamos uns sete. Eles mataram um dos nossos. Tínhamos que beber do seu sangue para vencer o medo. Tinham que fazê-lo somente os mais assustados, e eu era a mais assustada de todos, porque era a mais nova³.

É possível que casos como esse sejam eventuais, mas na vida cotidiana dos guerrilheiros o grupo faz uso de diversos mecanismos coercitivos que, embora menos drásticos, buscam o mesmo objetivo. Piadas, expressões irônicas, apelidos e qualquer tipo de zombaria reforçam o cerco do grupo sobre o indivíduo, acuando-o para que lide com seus medos, para que lute como se eles não existissem. Não se trata de exorcizar os medos, o que interessa ao grupo é que estes não sejam obstáculo à disposição combativa do guerrilheiro. O indivíduo pode sentir-se fraco, mas o grupo deve mostrar fortaleza.

No campo de guerra o sentimento de medo possibilita diversos desempenhos por parte dos guerrilheiros. Suscitar medo no guerrilheiro pode também servir para instigar seus mais profundos instintos de sobrevivência. Nessa perspectiva, os comandantes colocam em destaque a vulnerabilidade da existência humana. Quase todos os guerrilheiros entrevistados lembravam do afinco do líder, nos momentos de formação, em lembrar a capacidade de destruição que possuem os inimigos da guerrilha. Mediante a eloqüência de um discurso bélico, aparentemente baseado em dados reais, ele reforçava o sentimento de medo a ponto de levar o guerrilheiro a prestar o máximo de atenção em cada ação realizada. Para eles, o cuidado excessivo na execução das tarefas rotineiras é o segredo para anular qualquer margem de possibilidade de se tornar vítima dos ataques inimigos.

Há também outro discurso cuja intenção é provocar o efeito inverso: o medo da morte. Antes de entrar em combate, o líder reúne os membros do grupo e, com palavras inflamadas, tenta inebriá-los de coragem, enaltecendo a bravura de cada combatente. Para entrar no campo de batalha, é necessário que todos se sintam heróis absolutos, valentes guerreiros, verdadeiros soldados do Exército Popular, que lutam para realizar sua missão histórica: a de derrotar a exclusão social no país. A exaltação da coragem e da capacidade de combate pode produzir equilíbrio interior e um sentimento ideal de poder que dá sustentação à vontade de luta e antecipa a sensação de vitória. Mas a empolgação de poucos não é suficiente. O ideal é que o líder consiga contagiar todos os guerreiros por ele comandados de sentimentos que desencadeiem atitudes de força. O grupo só poderá revelar seu poder quando fizer com que todos os guerrilheiros caminhem sob o mesmo ritmo nos meandros da revolução. Como fazer com que um grupo funcione com certa harmonia, se as características pessoais de seus membros são tão diversas?

³ In: HUMAN RIGHTS WATCH, 2004:122.

Na guerrilha, para favorecer a coerção grupal nos combates, os comandantes parecem apostar mais na eficácia do medo do que no poder da persuasão. De fato, as relações de poder encontram no medo um aliado eficiente para se estabelecer. Sem o medo como facilitador dessas relações, a estabilidade coletiva correria o risco de pulverizar-se. Assim, para que essa engrenagem coletiva se mantenha, os líderes do grupo se ocupam em caprichar na rigidez das normas e em dar visibilidade aos castigos. As ordens devem ser sempre obedecidas. Na guerrilha, a possibilidade de desobedecer é sempre derrotada pelo medo do castigo. Um advogado que participou do julgamento de vários guerrilheiros presos em combate afirmava que diante dos fatos “criminosos” a eles imputados, a resposta de todos era genérica: “eu obedecia ordens”. Dessa forma, eles manifestaram o quanto estavam movidos por coerções externas que, na maioria dos casos, aniquilavam qualquer opção de escolha pessoal.

As saudades do guerreiro

Para os guerrilheiros os companheiros de luta são o único referencial de convivência humana, dado que todos os vínculos sociais preexistentes à inserção no grupo foram rompidos. Embora não exista uma proibição geral manifesta, só se permite estabelecer contato com a família sob a permissão do chefe imediato. Contudo, quando indagados sobre as visitas familiares, quase todos os entrevistados manifestavam que depois do ingresso na guerrilha nunca mais retornaram às suas casas nem conseguiram manter algum tipo de comunicação com seus parentes e amigos.

O fato de regular os vínculos afetivos externos tornou-se um instrumento eficaz para favorecer a coesão interna do grupo. Omar, um jovem guerrilheiro, afirmou: “Nunca tive permissão para ver minha mãe. Ela morava perto, a um dia do acampamento. Todo dia pedia permissão. Não me deram razão. Somente diziam: ‘melhor esquecer tua mãe’. Sentia-me muito mal porque é o ser mais querido que a gente tem”⁴. O que interessa aqui é observar as consequências da separação da família. Além de oferecer maiores garantias de segurança e proteção para o grupo, romper com os vínculos afetivos familiares e/ou sociais alheios à guerrilha contribui significativamente para desencadear um processo de interdependência mútua entre os membros do grupo.

Sem opções de escolha, é com os companheiros que integram o grupo que os guerrilheiros dividem as tarefas, assumem compromissos, partilham alegrias e tristezas e tecem novos relacionamentos, sejam eles conjugais ou de amizade. Estreitados no dia-a-dia do conflito armado, os vínculos afetivos entre os guerrilheiros duram enquanto integram a mesma *Esquadra*. A vontade individual não conta no momento de cultivar as amizades, ela fica sujeita à força das circunstâncias, à duração da permanência dos envolvidos no grupo que os congrega. Embora a organização prevaleça, as unidades pequenas que formam sua base são mutantes. Elas se alteram, entre outras causas, pelos constantes deslocamentos, pela periódica reestruturação interna, pelas deserções ocasionais e pela súbita morte nos combates.

O cultivo de relações amorosas no contexto da guerra sempre experimentará percalços. A primeira dificuldade com a qual os amantes terão que aprender a lidar são as normas do grupo. De fato, assim como todas as suas manifestações vitais, a vida afetiva e sexual do guerrilheiro é submetida às exigências das normas. Em grupos como a guerrilha, integrados por homens e mulheres que vivem nas mesmas condições, repartem entre si as tarefas da vida em comum e habitam o mesmo espaço, para manter a ordem e a disciplina será necessário que se apliquem severas medidas de aproximação e de distanciamento entre as pessoas. A rigidez dos horários, a divisão de funções, a primazia do coletivo sobre o individual, entre outras características dessa vida em comum, tornam-se para os guerrilheiros coerções que regulam as interações mútuas.

⁴ In: HUMAN RIGHTS WATCH, 2004:84

A regulação da vida cotidiana dá um matiz de racionalidade à condução das relações amorosas. Os condicionamentos do grupo interferem claramente no exercício da sexualidade, e o ápice dessa interferência se expressa na eliminação drástica da fecundidade feminina. Embora não se estipule nas normas, é prática freqüente na guerrilha obrigar as mulheres, mesmo as que não possuem companheiro sexual, a usar algum método contraceptivo⁵. O objetivo dessa medida implícita é controlar a natalidade. Mas isso não significa dizer que a maternidade seja negada à mulher guerrilheira. Pelo contrário, a maternidade é exaltada como um dos maiores valores do universo feminino. A diferença é que, na guerrilha, a maternidade adquire um sentido mais “sublime”, o qual transcende a mera dimensão biológica. A mulher guerrilheira é convidada a ser mãe, mas mãe da “nova Colômbia”, por ela gerada através da abnegação e entrega corajosa à causa revolucionária.

Num Cartão Postal divulgado pelas FARC-EP por ocasião do dia das mães, em 09 de maio de 2004, pode-se ler: “Mães na luta pelos filhos do seu povo/ Mães da liberdade que levam o fuzil no ombro/ E o futuro no colo/ Mães da liberdade que com sua ternura vêm arando a paz”. É essa dimensão “simbólica” da maternidade que a mulher guerrilheira é convidada a vivenciar. Nas FARC-EP, a quase totalidade das mulheres combatentes é de origem camponesa. Embora a maternidade biológica, no imaginário da mulher camponesa colombiana, seja o bem mais almejado, na guerrilha a possibilidade de engravidar e cuidar de filhos é um evento racionalmente preterido. A causa para isso é simples: no mundo da guerra não há condições adequadas para viver com segurança o período de gravidez, não existem facilidades para cuidar de bebês e, embora não se fale, é obvio que crianças de colo atrapalham a vida de quem está sempre em campanha militar.

No contexto das lutas revolucionárias, longe da casa paterna, impossibilitados de construir relações afetivas estáveis ou amizades transparentes, a solidão dos guerrilheiros emerge como um sentimento coletivamente partilhado. Embora seja uma experiência comum à condição humana, a solidão é mais intensa e mais sentida no microcosmo social guerrilheiro. A solidão do guerrilheiro não se refere à ausência ou à carência de relações sociais, ele a experimenta como o sentimento de estar interiormente só, de perceber que, embora rodeado de muitas pessoas, na maioria dos casos, ninguém possui significado afetivo para ele. Dessa forma, os outros podem fugir, abandoná-lo, traí-lo ou até deixarem de existir que ele não vai sentir a falta, pois, na maioria dos casos, não há nenhum elo emocional que garanta unidade estável entre os combatentes. É na companhia dos outros que a solidão do guerrilheiro se manifesta mais nitidamente.

Conclusão

Foi constatado neste estudo que, embora os sentimentos estejam ligados à intimidade individual, a maneira como são manifestados denota características próprias de um contexto social específico. Assim, a dinâmica dos sentimentos não pode ser vista como algo estritamente individual, nem como reflexo de uma força coletiva, e sim como uma realidade individual e social. Face à vida coletiva, é perceptível que as etapas de transformação social sejam ocasionadas por ações humanas emergidas de fortes impulsos emocionais. A intervenção dos sentimentos na vida humana tem força para desencadear ou alterar o curso de um processo histórico.

No caso do conflito armado colombiano, é de observar-se que este não teria sobrevivido por tantos anos se as pessoas que nele estão diretamente envolvidas não fossem assistidas pelos mais

⁵ Rosa Flor afirmou que conheceu garotas que ingressaram com doze anos de idade e, mesmo sem ter companheiro sexual, foram obrigadas a usar métodos contraceptivos. Segundo ela, os mais usados são as injeções, comprimidos e, principalmente, o DIU. Essa informação foi verificada com os depoimentos de outros guerrilheiros entrevistados. Também a justiça estatal verificou esse fato depois do ataque militar denominado *Operação Berlin*, liderado pelo Exército contra um grupo guerrilheiro que trafegava pelo nordeste colombiano, em dezembro de 2000. Na necropsia, constatou-se que, das 11 mulheres assassinadas, todas eram menores de 18 anos e 09 usavam o DIU.

variados impulsos anímicos. Pelo que se ouve nos discursos, os sentimentos que mais dão suporte às lutas guerrilheiras são o amor à pátria e o ódio às elites hegemônicas do país. É possível que esses sentimentos tenham-se fortalecido pelo alongamento e pela multiplicação de cadeias de interdependência entre grupos rivais, pelo agravamento de tensões e conflitos específicos e, sem dúvida, pela ação de dispositivos disciplinares. Assim, ódio aos inimigos, amor à pátria, medo das ameaças, desconfiança dos outros, fidelidade ao grupo e vários outros sentimentos encontram estímulo e sustento na dinâmica da vida guerrilheira. De outra sorte, sentimentos como o ciúme, a inveja, o medo, a tristeza, a saudade e tantos outros que possam interferir negativamente na vida em comum são minguados pela incidência dos códigos de conduta, uma vez que não são convenientes às lutas revolucionárias.

A dinâmica emocional dos guerrilheiros não tem importância na experimentação de tal ou qual sentimento. A ênfase que o grupo dá a esse fato recai nas ações que cada um deles pode desencadear. Inserido no seio de uma vida comunitária regida por fortes traços militares, espera-se do guerrilheiro desapego da família e das coisas materiais, disposição e coragem para o confronto armado, obediência às normas e fidelidade à causa revolucionária. No processo de inserção na guerrilha, a formação do *'homem revolucionário'* só será alcançada quando o indivíduo conseguir construir seu orgulho, amor-próprio e distinção social em sua pertença ao grupo. Se os traços do *habitus* guerreiro não são visíveis no combatente, ou seja, se ele deixa transparecer sentimentos que revelem fraqueza, sua participação e, conseqüentemente, sua identidade e auto-estima como guerrilheiro passam a correr risco. Eis o grande perigo da vida guerrilheira. Quando isso acontece, os elos coletivos de unidade sofrem danos irreparáveis.

BIBLIOGRAFIA

ARENDR, Hannah. Origens do totalitarismo. Anti-semitismo. Imperialismo. Totalitarismo. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

ELIAS, Norbert. Os alemães. Rios de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. História da violência nas prisões, 25^a Edição. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUSMAN, German Campos, FALS, Orlando, UMAÑA, Eduardo. La Violencia en Colombia. Tomos I e II. Bogotá: Tauros, 2005.

HUMAN RIGHTS WATCH, Aprenderás a no llorar: Niños combatientes en Colômbia. Bogotá: Impresión Editorial Gente Nueva, 2004.

KERRCKHOFF, Alan e BACK, Kurt. The fune Bug. New York: Appleton-Century Crofts, 1968.

NYLOR R. T. The Insurgent Economy:Black Market Operations of Guerrilha Organizations, em Crime, Law and Social Change, No. 20, Kluwer Academic Publishers, 1993.

_____. Corps et societes – essai de sociologie et d'anhropologie du corps. Paris: Libraire des Meridiens, 1985.

LOZANO G., Carlos (Comisión Temática de las FARC-EP), FARC el país que proponemos construir. Bogotá: Editorial Oveja Negra, 2001.

PÉCAUT, Daniel. Orden y violencia: Colombia 1930-1954, Vol. I, Bogotá: Siglo Veintiuno Editores, 1987.

SIMMEL, Georg. Sociologia I. Madrid: Biblioteca de la Revista de Occidente, 1977

STAROBINSKI, Jean. As Máscaras da Civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

THOMPSON, Jhon B. Ideologia e Cultura Moderna. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

VARIOS, En que momento se jodió Colombia. Bogotá: Editorial Oveja Negra, 1990.

VON CLAUSEWITZ, Karl. De la guerra. Barcelona: Editorial Mateus, 1972.